

PRESENÇA DE ANÁFORAS ASSOCIATIVAS NA SEQUÊNCIA TEXTUAL ARGUMENTATIVA

Daniela Zimmermann MACHADO*

ABSTRACT: The present work has the goal to discuss the function of associative anaphora (AA) in texts of argumentative sequences. In this work, we remark the presence of these anaphoras in the textual constitution of opinion texts, in the forums of magazine Superinteressante. The reason for this choice is because we would like to explore elements that maintain the relationship between the text of the reportage (in previous edition) and the texts of the forum; and we would like to understand how the argumentative construction of the authors of the opinative texts is. Theoretically, we assume Adam (2001) for the study of textual sequences. We work, too, with the notion by Kleiber (2001) about the AAs, which mobilize lexical-stereotypic inferences, characterized by cognitive processes and the world knowledge. We conclude that the AAs actuate like mediate of intertextual interaction, guarantying the thematic unit and satisfactory interfering in the textual construction.

KEYWORDS: associative anaphora; textual sequence; argumentation; discourse

1. Introdução

Os trabalhos atuais sobre textualidade pressupõem o tratamento do texto como pertencente a determinado gênero e constituído por estruturas composicionais, as chamadas sequências textuais.

O presente estudo tem como propósito primeiro abordar e relacionar duas propostas teóricas: a de Adam (2008) sobre sequências textuais, e a de Kleiber (2001) sobre referenciação textual, mais especificamente, sobre as anáforas associativas (doravante AAs). Pretendemos, neste trabalho, estabelecer relação entre as anáforas associativas e a argumentação, entendendo que as AAs mobilizam a argumentação textual. Nosso interesse, neste momento, centra-se, portanto, na constituição da sequência textual argumentativa.

Assumimos, neste trabalho, a análise textual dos discursos, proposta por Adam (2008). Adam (2004) afirma que o texto, enquanto unidade, é muito complexo e heterogêneo para apresentar regularidades linguisticamente observáveis e confiáveis, ele afirma ainda que existe um nível de complexidade na composição textual. Esse nível da complexidade composicional equivale ao que o autor preferiu chamar de sequências textuais, e é a partir delas, juntamente com a noção de gêneros, que conseguimos evidenciar alguma regularidade no todo do texto.

Neste trabalho, discutimos a proposta apresentada por Adam, refletindo sobre os conceitos de texto, contexto e de referenciação, observando especificamente a composição da sequência textual argumentativa.

Como objeto de análise, selecionamos algumas “cartas” do leitor, da seção Fórum, da revista *Superinteressante*. Essas cartas pressupõem uma construção argumentativa, tendo em vista que são opinativas. Acreditamos que as AAs, juntamente com as anáforas indiretas (AIs), auxiliam no processo de manutenção do tema, retomada da idéia explicitada na reportagem (a qual é base para as opiniões dos leitores), além de contribuírem na construção argumentativa sugerida pelos autores.

* Doutoranda; Universidade Federal do Paraná.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: apresentamos, primeiramente, o quadro da lingüística textual conforme desenhado por Adam (2008), seguido da noção de texto que estamos assumindo para o desenvolvimento deste trabalho. Em seguida, traçamos a noção de sequência textual argumentativa, fundamental para nosso estudo. Ainda na etapa de teorização, esboçamos o estudo das anáforas associativas, proposta por Kleiber (2001) caracterizando e delimitando suas ocorrências, relacionando-as com o estudo da sequência textual argumentativa. Após esse momento de discussão, propomos a análise de textos opinativos, em que a sequência argumentativa é, a princípio, evidente e predominante.

As análises sinalizam para o fato de que as AAs, juntamente com as AIs, auxiliam na construção argumentativa e na manutenção temática e relacional entre texto-base (reportagem) e os textos opinativos. Verificamos, nos textos analisados, que não é muito comum a ocorrência das AAs, conforme sugeridas por Kleiber (2001), podemos dizer que as AIs são mais recorrentes. Mesmo diante deste dado, a interpretação associativa nos possibilita pensar em uma construção textual argumentativa. Trabalhar com a proposta de Adam representa uma forma diferenciada e interessante de olhar para o processo de construção textual, considerando o todo discursivo que circunda o texto.

2. A Lingüística Textual – proposta de Adam

O estudo do texto desde muito tempo esteve e está atrelado a noções de referenciação textual, de articulação textual, de elementos de coesão e de coerência, além de outros processos cognitivos, semânticos e sintáticos. Mais recentemente, os estudos têm se voltado às questões de condições de produção, e isso implica no estudo do texto em relação com a noção de gênero e de sequência textual.

Para a elaboração desta seção, bem como para a base teórica deste artigo, baseamo-nos fundamentalmente na obra *A lingüística textual: introdução à análise textual dos discursos*, de Jean Michel Adam (2008). Neste livro, o autor traz uma proposta de trabalho com texto que considera a lingüística textual enquanto um subdomínio da análise do discurso.

Observamos abaixo, o esquema apresentado por Adam (2008), a fim de ilustrar a relação proposta entre lingüística textual e análise do discurso, procurando entender, também, a perspectiva teórica e as unidades de análise sugeridas por ele.

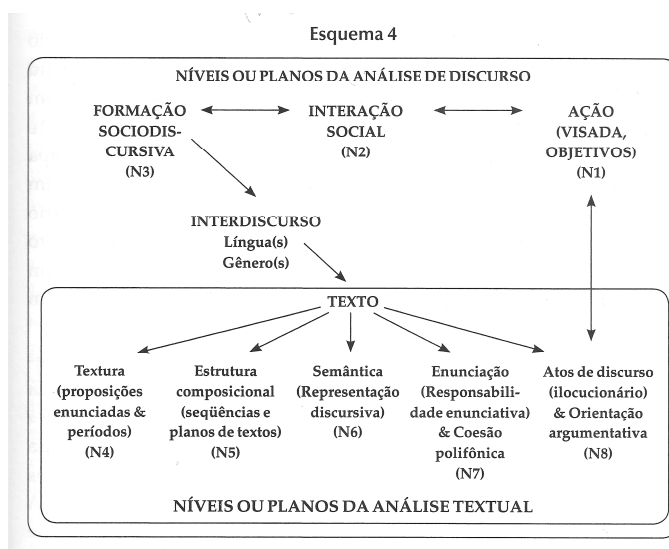


Fig. 1 – Esquema 4; fonte Adam (2008, p. 61)

Verificamos, a partir do esquema, que a análise do discurso representa a área maior e inclui nela o estudo da lingüística textual. Chamamos atenção para o fato de que os elementos que estão fora do quadro da lingüística textual – os conceitos de formação sociodiscursiva, de interação social, de ação e de interdiscurso – comuns quando o assunto é textualidade estão, na verdade, em um plano intermediário ao texto e não no texto em si. No texto, o que encontramos são os níveis mais específicos sugeridos pelo autor – a textura (proposições enunciadas e períodos), a estrutura composicional (sequências e planos de texto), a semântica (representação discursiva), a enunciação (responsabilidade enunciativa) e os atos de discurso & a orientação argumentativa–.

Neste artigo, propomos um recorte, tendo por base o esquema 4 (fig.1). Nosso recorte focaliza o quadro da Linguística Textual, especificamente o nível (N5), referente à estrutura composicional (sequências textuais). Como propomos uma investigação referente à referenciação textual e à construção argumentativa, fazemos relação também com a questão da enunciação & Coesão e com a orientação argumentativa.

Retomamos nossa discussão, focalizando a reflexão sobre a noção de texto, bem como sustentada por Adam (2008).

O autor propõe “elementos para uma análise textual dos discursos” (p.13), considerando a produção co(n)textual de sentido, fundamentada na análise de textos concretos, empíricos. Adam considera o texto e o discurso de forma articulada. O texto, na concepção do autor não é visto de forma descontextualizada, pelo contrário, o texto é circundado e determinado no e pelo discurso.

Todo texto, segundo o autor, constitui-se quando se tem um olhar sobre ele, ou seja, a interpretação é constitutiva do texto. Cada vez que é feita uma leitura, constrói-se o sentido do texto. Aparentemente, o texto é algo definitivo, mas na verdade, ele é construído a cada nova interpretação e está sempre relacionado com o contexto de produção. Podemos dizer que não existe leitura definitiva, cada leitor, no ato da recepção textual, constrói o sentido do texto lido, construindo o seu texto. Isso significa dizer que o texto está relacionado com as questões discursivas, ou seja, com a formação sociodiscursiva que caracteriza a enunciação, com o espaço social, com a interação social, com os sujeitos envolvidos na interação, com a ação, com o objetivo da comunicação e com o interdiscurso, com as línguas e com os gêneros. Essas noções não são o texto, mas caracterizam o texto. E assumimos aqui que não podemos olhar para um texto sem considerar essas questões que estão nesse plano subjacente.

No texto, propriamente dito, o que conseguimos marcar são as proposições, os períodos e as sequências, as marcas deixadas pelo enunciador. É nesse plano textual que focalizamos nossa análise, observando no texto, nas cartas do leitor, as características estruturais/composicionais.

Interessante a afirmação de Adam (2008) de que “sob os impactos das necessidades de expressão e de interação, os enunciados assumem formas infinitas, mas os gêneros e as línguas intervêm como fatores de regulação”(p. 44) Ou seja, podemos admitir que, na perspectiva posta por Adam (2008), o texto, imerso na teoria da lingüística textual, possibilita inúmeros enunciados, mas é em relação com a análise do discurso que delimitamos o ato comunicativo, através da formação sociodiscursiva em que o texto está inserido, através do gênero que o caracteriza.

2.1. As sequências textuais – o caso da sequência argumentativa

Adam (2008) sustenta a tese de que a “proposição-enunciado” – unidade textual básica – constrói unidades mais complexas, as chamadas sequências textuais ou períodos e o

plano de texto. Esses elementos, conforme já observado na figura 1 da seção anterior, representam objetos da lingüística textual, já os gêneros, representam objetos da análise dos discursos, assim como as formações sociodiscursivas e a interação social. O nível seqüencial, destacado em nosso estudo, pode ser considerado o nível que organiza a composição textual, e é representado por cinco seqüências de base, são elas: a narrativa, a argumentativa, a descritiva, a dialógica e a explicativa.

Como já dissemos, priorizamos, neste trabalho, a seqüência textual argumentativa. Consideramos que o ato de argumentar é uma estratégia comunicativa e discursiva que possibilita determinada relação entre as ideias expostas pelos sujeitos. É possível, com a prática argumentativa, retomar informações, estabelecendo uma rede de relações, construindo opiniões com o interlocutor. No nosso caso, ao analisar as cartas do leitor, enfatizamos o que cada autor do texto propõe ao opinar, observando como manifestam a indignação ou a aceitabilidade dos textos discutidos. Observamos, também, que o que se pretende, ao argumentar, é provocar, no leitor, certa adesão ao pensamento do produtor do texto ou o convencimento por parte dos interlocutores sobre um dado tema.

Normalmente, a argumentação se estabelece com base em um já dito. Ou seja, argumentamos a respeito de um fato apresentado ou de uma tese defendida anteriormente. No objeto de análise deste trabalho, essa relação é bastante nítida: as cartas do leitor representam opiniões sobre fatos anteriores, sobre reportagens publicadas em edições anteriores. Observamos uma questão importante no gênero que temos chamado carta do leitor, esse gênero requer uma opinião, mas não necessariamente, uma justificativa, uma argumentação sobre o ponto de vista dado. É o que podemos observar nas cartas do leitor, às vezes aparece simplesmente uma manifestação de insatisfação, como a que segue:

“Que Deus tenha piedade de quem escreveu a matéria.” (V.R.O)
(Retirado de Revista Superinteressante, Ed. 278, maio 2010, carta referente à reportagem de Chico Xavier)

Nesse caso, apesar de termos uma opinião do leitor, não temos a argumentação nem a retomada dos fatos, não temos as informações de apoio, que é a base argumentativa. Uma forma de entender esse tipo de posicionamento é a liberdade que a revista dá aos seus leitores de posicionarem-se, mostrarem sua indignação ou surpresa, sem se preocupar com a constituição de uma carta, por isso, podemos pensar que possivelmente a revista vem chamando essa seção de fórum, trata-se, agora, de um fórum de discussão, em que é possível, cada leitor, expressar-se ao seu modo, mostrando sua indignação ou aceitabilidade.

Para Adam (2008), a seqüência textual argumentativa apresenta, basicamente, dois movimentos: a demonstração e/ou justificativa de uma tese e a refutação de outras teses ou de outros argumentos. Normalmente, inicia-se com premissas, em que a partir delas assume-se determinada conclusão ou afirmação. O que acontece é que apresentamos uma posição favorável ou contrária em relação a uma tese inicial, essa posição é mediada por fatos, argumentos/provas. No trato argumentativo, Adam (2008) assume a noção dialógica de Moeschler (1985 *apud* ADAM, 2008) em que a argumentação está relacionada a um contradiscurso. O autor afirma ainda que defender uma tese ou uma conclusão consiste em defendê-la contra outras teses ou conclusões, como entrar em uma polêmica não implica somente em desacordo[...], mas, sobretudo, ter contra-argumentos.

Vejamos o esquema, apresentado por Adam (2008):

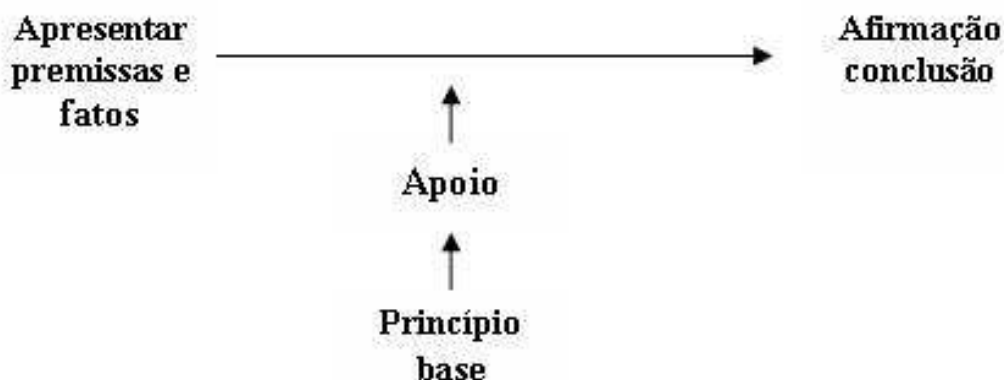


Fig. 2; fonte: Adam (2004, p.92).

O esse esquema acima comporta dois níveis: um, justificativo, em que o interlocutor é pouco levado em conta, trata-se dos fatos que ele está retomando. A estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos colocados, é o momento de apresentação das premissas. No segundo momento, denominado de diálogo ou contra-argumentativo, a argumentação é negociada com um contra-argumentador (auditório) real ou potencial. A estratégia argumentativa visa a uma transformação dos conhecimentos. É nessa fase que o interlocutor coloca-se. Importante notar que, às vezes, pode aparecer primeiro o contra-argumento e depois a justificativa.

Para ilustrar essa noção, trazemos aqui, um dos dados analisados neste trabalho, procurando mostrar a questão da apresentação dos dados e da conclusão.

Exemplo:

A Inglaterra não foi culpada pela Guerra do Paraguai (“A nova história do Brasil”, junho)? O Paraguai não era superdesenvolvido na época? A Inglaterra não combateu a escravidão para ter mercado consumidor? Obrigado, SUPER, por desmitificar a história do Brasil e mudar as concepções que eu tinha. L. C.

(*Revista Super Interessante, seção Fórum, edição 280, julho de 2010, p. 12*)

Observamos, na carta do leitor acima, em destaque, que a apresentação dos fatos, apóia-se na retomada de questões possivelmente tratadas na reportagem¹, através de uma série de questionamentos, o(a) autor (a) retoma o conteúdo divulgado. A forma como a argumentação foi posta, sugere-nos duas interpretações: ou de indignação – se entendermos o agradecimento do (a) autor (a) como irônico – ou de aceitabilidade – se entendermos o agradecimento no sentido literal. De qualquer forma, o autor do texto apresenta os dados, os fatos e em seguida, refuta ou aceita a tese exposta anteriormente. A sentença “Obrigado, SUPER, por desmitificar a história do Brasil e mudar as concepções que eu tinha”, pode ser entendida pelos leitores das duas formas explicitadas: ou a autora realmente sente-se agradecida com a mudança ou, em um sentido mais irônico, sente-se revoltada com a mudança.

Passamos agora ao estudo das anáforas associativas, que são centrais, neste estudo, para continuarmos a pensar nos nossos dados.

¹ Por questões metodológicas, não trazemos aqui a reportagem que deu origem a essa carta do leitor. Apenas deixamos aqui a referência. Reportagem: A nova história do Brasil. *Revista Superinteressante*, junho de 2010.

3. As anáforas associativas

Nossa proposta de investigação está focalizada no estudo das anáforas associativas. Neste momento, teorizamos sobre essa noção, estabelecendo relação entre esse tipo de anáfora e as anáforas indiretas, que são interessantes no momento de entender o estudo da referenciação e, também, da construção argumentativa do texto.

As AAs, de acordo com Kleiber (2001) são anáforas que mobilizam inferências de um tipo particular, léxico-estereotípico. O fenômeno léxico-estereotípico pode ser explicado como uma relação que se dá com base no já conhecido, no definido e naquilo que faz parte das características do referente mencionado previamente. Ou seja, falar em relação léxico-estereotípica é estabelecer uma relação com o campo semântico das palavras, e, a partir do referente, selecionar outras expressões que a ele estão ligadas, constituindo uma relação, principalmente do tipo todo-parte. A anáfora associativa se apóia sobre uma relação *a priori* que faz parte de nosso conhecimento de mundo e que tem uma propriedade de associação entre os elementos. A anáfora associativa se constitui no modo do estereótipo.

A acepção estreita, assumida por Kleiber (2001), caracteriza-se por considerar a anáfora associativa como um subtipo das AIs², e não como sinônimas, como pressupõe alguns teóricos da acepção ampla. Kleiber (2001) afirma que a natureza da relação indireta presente nas anáforas associativas é diferente das presentes nos demais tipos de AIs, principalmente, porque as anáforas associativas têm a característica da *definitude*, ou seja, são precedidas de artigo definido, e são caracterizadas por uma relação léxico-estereotípica, enquanto as indiretas são mais contextuais e cognitivas. Neste estudo, vamos nos deter na acepção estreita do termo, considerando como AA somente as expressões nominais definidas, quando estas forem autorizadas, ou seja, cumprirem todos os princípios que satisfazem o fundamento das AAs.

Kleiber elenca quatro fatores essenciais que fundamentam a relação das anáforas associativas, vejamos quais são eles: a) introdução de um novo referente, mas com base em um já conhecido; b) menção anterior de um referente diferente do da expressão anafórica, isto é, elemento âncora e anáfora não são os mesmos; c) relação entre o referente já mencionado e o novo referente sobre o modo do já conhecido.

Em termos de ilustração, fazemos uso aqui dos mesmos exemplos³ apresentados por Kleiber (2001), apenas para esclarecer alguns dos pressupostos defendidos pelo pesquisador e entender melhor os fatores acima explicitados. Vejamos⁴:

- a) Os policiais inspecionaram **o carro**. As rodas estavam cheias de lama.
- b) Ele se protegeu sobre **uma velha tília**. O tronco estava todo craquelado.

Podemos concluir que: há introdução de um novo referente, “as rodas”, “o tronco”. Essa introdução se faz pelo modo do já conhecido, esse modo de denotação supõe que nós dispomos desses elementos necessários para compreender e inferir sua interpretação referencial. Ou seja, a partir das expressões já conhecidas “o carro”, na sentença (a) e “uma

² As AIs podem ser entendidas como uma anáfora que representa um elemento novo no texto, porém esse elemento é previsível, tendo por base o antecedente (o elemento âncora). Por exemplo: “**As aulas** começaram, alguns alunos estão ausentes.” “Alguns alunos” não retoma “as aulas”, mas é algo previsível pelo contexto.

³ (a) Les policiers inspectèrent La voiture. Les roues étaient pleines de boue.

(b) Il s’abrita sous un vieux tilleul. Le tron était tout craquelé.

⁴ Os elementos em negrito representam o elemento âncora (fonte/englobante) e os elementos em sublinhado indicam a anáfora (elemento englobado).

velha tília” na sentença (b), as expressões “as rodas” e “os troncos” tornam-se previsíveis e são consideradas anáforas associativas, pois “rodas” faz parte do estereótipo de “carro” e “tronco” faz parte do estereótipo de tília (árvore), o tronco faz parte da constituição de “árvore” e “rodas” faz parte da constituição de “carro”. Podemos observar que essas relações são léxico-estereótípicas e se constituem/são acionadas de forma instantânea. Sempre que pensamos em carro, automaticamente, temos a expressão “as rodas” e o mesmo acontece quando pensamos em “árvore” e “tronco”.

O autor mostra, ainda, o que aconteceria se os elementos anafóricos fossem precedidos de possessivo ou pronome adnominal. Vejamos como ficaria a primeira sentença:

a) Os policiais inspecionaram **o carro**. Suas rodas estavam cheias de lama.

Segundo o autor, nesse caso não teríamos uma anáfora com um referente já conhecido, pois podemos perceber que a identidade é explicitamente dada como dependente de um outro referente pelo intermédio do possessivo, não sabemos de quais rodas estão falando, se é todas ou apenas alguma dela, se trata-se das traseiras ou das dianteiras. Consideramos, nesse caso, que “suas rodas” demonstram um caso de AI, uma vez que “rodas” é previsível e faz relação com o antecedente. Há uma interpretação associativa, mas não um caso de anáfora associativa.

Uma nota interessante que podemos explicitar é que num primeiro contato com os textos a serem analisados, as construções textuais são mais complexas que as sugeridas na obra de Kleiber (2001). Por ele tratar de frases prontamente fabricadas, percebemos que as cadeias anafóricas, nas frases por ele apresentadas, relacionam-se de uma forma mais simples, ou seja, elemento âncora e anafórico estão próximos e normalmente a anáfora está na posição de sujeito; diferentemente do que acontece em um texto, que em algumas situações tivemos que considerar a âncora em um parágrafo e a anáfora em outro, ou mesmo a anáfora na carta do leitor e a âncora na reportagem.

Retornando às questões teóricas, para um entendimento mais específico sobre a definitude das anáforas associativas, proposta por Kleiber (2001), trazemos algumas considerações do autor sobre o assunto.

Um tratamento teórico interessante que deve ser posto aqui é o caráter inferencial que caracteriza o estudo das anáforas e em especial, o caso das AAs. Kleiber (2001) vai afirmar que “toutes les anaphores peuvent être considérées finalement comme inferentielles” ⁵(p.24), uma vez que a relação léxico-estereotípica se caracteriza pelas inferências feitas pelo leitor.

Todas as anáforas são inferenciais, segundo Kleiber ⁶(2001) :

Toda anáfora, na concepção textual clássica, necessita de um processo de inferência para fazer a ponte entre a expressão anafórica e o antecedente, ou seja, a expressão (ou o segmento do discurso) mencionado primeiramente. A expressão anafórica é sempre lacunar e sua saturação na frente se faz pelo contexto linguístico anterior, assim sua interpretação exige que o interlocutor encontre o « bom » antecedente que satisfaça a relação pretendida. (KLEIBER, 2001, p. 40)

⁵ “Todas as anáforas podem ser consideradas finalmente como inferenciais”.

⁶ toute anaphore, dans la conception classique textuelle retenue nécessite un processus d’inférence pour faire Le pont entre l’expression anaphorique et l’antécédent, c’est-à-dire l’expression (ou le segment de discours) mentionnée auparavant. L’expression anaphorique étant toujours lacunaire et sa saturation devant se faire par le contexte linguistique antérieur, son interprétation exige que l’interlocuteur trouve le « bon » antécédent, c’est-à-dire infère le lien manquant. (KLEIBER, 2001, p. 40)

A questão da associação possibilita uma partida do consenso sobre o caráter inferencial do procedimento referencial que estabelece a relação associativa. Há, no reconhecimento da anáfora associativa, o fenômeno da pontagem inferencial (apontamento), que significa a distância de associação “mental”, ou seja, a distância “de acionamento” que se tem entre o referente e a anáfora. A pontagem inferencial, no caso das AAs, entre esses elementos deve ser curta, diríamos até, imediata.

Passamos agora a uma breve discussão sobre a diferença entre AAs e AIs, uma vez que é no estudo da relação entre ambas que melhor se entende o funcionamento e as particularidades de cada um dos tipos.

As anáforas associativas aproximam-se muito das indiretas, visualmente as diferenças podem ser da ordem da definitude, mas não é só esse o aspecto que as diferenciam. Podemos mencionar outros aspectos, como:

- a) As AAs desenvolvem-se por expressões que designam termos que são integrais e essenciais na composição referente/anáfora, já as anáforas indiretas caracterizam-se também por mobilizar termos que são acessórios;
- b) As AAs apresentam uma base lexical explicitada nas relações semânticas entre itens lexicais, entre noções/estereótipos ou objetos apanhados fora do discurso, apóiam-se sobre as relações estabelecidas pelo texto. As AIs dos outros tipos, que não associativo, podem se apoiar no conhecimento de mundo, no que é externo, sem garantia de relação lexical;
- c) A AA é o elemento conhecido, faz relação a ele, e não é representada simplesmente por um elemento que se combina (pontagem inferencial distante) com o referente. A relação associativa, das AAs é sugerida pelo léxico e não pelo contexto. Nas AIs as relações podem ser criadas a partir de outros níveis, como os contextuais; e
- d) Um último aspecto aqui explicitado diz respeito ao motor de inferência, ou seja, o distanciamento de sentido entre o referente e a anáfora, no caso das AIs há um distanciamento maior, mas que sempre permite uma interpretação associativa e nas AAs isso se dá somente pelo léxico e de forma instantânea (motor de inferência atua de forma rápida).

Muitas vezes uma relação de associação caracterizada por uma anáfora indireta, não associativa, pode valer para outros contextos e situações, as AAs estabelecem somente a relação lexical e semântica focalizada no momento. Podemos lançar aqui, uma conclusão sucinta de que ambas as anáforas, indiretas e associativas, auxiliam na construção do texto, pois ligam idéias, estabelecem relações, mantêm a unidade temática e a progressão informativa dos textos. Tendo a AA uma particularidade, dentro do grupo das AIs, a de manter o texto mais particular, enquanto as indiretas podem dar uma dimensão diferente, mais generalizada da temática tratada.

4. Descrição dos dados analisados

Os dados analisados são textos concretos, dados empíricos retirados de uma revista de circulação nacional, e se aproximam ao máximo da noção de texto assumida por Adam. Trata-se de textos contextualizados, textos que estão imersos num discurso. As cartas do leitor, agora não mais assim intituladas, mas como opiniões do fórum, são textos empíricos que evidenciam a opinião dos leitores sobre determinado assunto da atualidade, assuntos que estão imersos no contexto social e de produção dos autores. Existe, no ato de escrita, uma formação

sociodiscursiva que caracteriza a situação, a ação e o espaço social em que se encontra o autor do texto. Selecionamos como objeto de análise um grupo de textos (opinativos) sobre duas reportagens, divulgadas na Revista *Superinteressante*, de abril e de junho de 2010, respectivamente. A primeira reportagem debatida, “Chico Xavier” (edição 277, abril de 2010) traz uma questão interessante sobre a formação sociodiscursiva e de interação dos interlocutores da reportagem, pois envolve um público em que há espíritas e há quem não seja espírita, há os que gostam de Chico Xavier e há os que não gostam de Chico Xavier. O fórum, elaborado pela revista, foi organizado em uma espécie de gráfico opinativo, em que aparecem as seguintes questões: os que gostaram da reportagem e que gostam de Chico, os que não gostaram de reportagem, mas que gostam de Chico; os que gostaram da reportagem e não gostam de Chico, os que não gostaram da reportagem e não gostam de Chico. Vamos nos deter no momento da análise em alguns desses casos.

O segundo grupo de textos opinativos selecionados, também da revista *Superinteressante*, é referente à reportagem sobre a nova história do Brasil (edição 279, junho de 2010).

Damos ênfase, neste trabalho, aos textos opinativos retirados do Fórum, fazemos apenas menção à reportagem que deu origem aos textos opinativos aqui trabalhados. Por tratar-se de reportagens bastante extensas, limitamos ao trabalho com as opiniões do leitor, o que já consideramos um material bastante significativo.

Selecionamos como itens de observação no momento da análise, os que seguem:

- a) a composição da sequência argumentativa – apresentação dos fatos anteriores e a conclusão;
- b) as anáforas associativas e indiretas presentes nas opiniões do leitor; e
- c) a relação entre as anáforas e a construção argumentativa.

5. Análise

Para análise, meramente ilustrativa dos elementos teóricos, selecionamos duas cartas de opinião de cada uma das reportagens, totalizando 4 textos analisados.

Começamos pelas cartas do leitor, retiradas do Fórum da edição 278 (maio de 2010), sobre a reportagem de Chico Xavier (abril de 2010).

Gosta de Chico Xavier e gostou da reportagem

Texto 1: Não resta dúvida de que Chico Xavier foi um homem que teve uma trajetória marcada por ações valorosas de generosidade e desapego das coisas materiais. Contudo, há sempre uma pergunta no ar quando se trata da comunicação com o mundo espiritual. Temos que levar em conta também as explicações científicas. Parabenizo a SUPER pela matéria imparcial, objetiva e esclarecedora. (M.M) (Revista *Superinteressante*, maio de 2010, página 11)

Não gosta de Chico

Texto 2: Fiquei decepcionado. A matéria me pareceu uma homenagem. Ao contrário do que esperava, não havia questionamentos. Como sempre, achei que a SUPER fosse esmiuçar o assunto com opiniões de cientistas, céticos e tudo mais. Mas percebi que quase todos os estudos citados são dos próprios espíritas. Ora, se quisesse saber sobre a vida de Chico Xavier (ou pró-espiritismo), lia uma biografia ou qualquer outra coisa, não a SUPER. (S.M) (Revista *Superinteressante*, maio de 2010, página 10)

Observamos os dois textos, o primeiro representando a opção “gostar de Chico Xavier” e “gostar da reportagem” e o segundo, representando não “gostar de Chico Xavier” e “não gostar da reportagem”.

Começamos pela análise do primeiro texto. Quanto à composição da sequência argumentativa, há, no primeiro caso, a constatação, feita pelo autor, de que “Chico Xavier foi um homem que teve uma trajetória marcada por ações valorosas de generosidade e desapego das coisas materiais”, essa é uma premissa posta pelo autor, provavelmente evidenciada com base na leitura que o leitor, agora autor, fez da reportagem. Temos um texto em que o autor se identifica com Chico Xavier.

O autor desse texto, após a constatação inicial, apresenta, no final, a sua conclusão, a sua opinião, que é favorável à tese posta pela reportagem, quando o autor afirma pelo ato ilocucionário “Parabenizo”. Podemos observar que essa argumentação vai se construindo pelas escolhas lexicais, como “ações valorosas”, “desapego material”.

Passando para o seguinte item da análise. Assumimos desde o início que as anáforas associativas e indiretas auxiliam na argumentação. Selecionamos, no primeiro texto, as seguintes cadeias anafóricas: “Chico Xavier” (elemento âncora) e “mundo espiritual” (anáfora), que representa caso de anáfora indireta, pois ao pronunciar “mundo espiritual, trata-se de um elemento novo, mas previsível, na base de um já conhecido. Sabe-se que faz parte da história de Chico Xavier pensar em “mundo espiritual”. Não se trata de anáfora associativa, pois como vimos na etapa teórica, esse tipo de anáfora requer uma série de princípios como concretude, relação todo/parte que não é evidenciada nesse caso. Outras cadeias podem ser aqui sugeridas entre “desapego” e “coisas materiais”, anáfora também indireta, pois a relação torna-se construída na textualidade.

Partindo para a análise do segundo texto analisado, observamos, primeiramente, a opinião do leitor, evidenciada nitidamente pela sentença “Fiquei decepcionado”. Há a premissa, o fato, elemento dado mais tarde, quando o autor faz menção sobre a matéria, ou na passagem “(...) percebi que quase todos os estudos citados são dos próprios espíritas”. Essa sentença é dada como premissa, como algo que ele constatou. Lembramos aqui da noção de texto assumida neste estudo, de que todo texto é construído a partir da interpretação do leitor. O autor do texto opinativo analisado traz argumentos, mostrando o que esperava da reportagem e o que foi feito de fato. No final, ao mencionar “Ora, se quisesse saber sobre a vida de Chico Xavier (ou pró-espiritismo), lia uma biografia ou qualquer outra coisa, não a SUPER”. Com essa passagem ele deixa clara a sua indignação em relação à reportagem divulgada em edição anterior.

Em relação aos processos de referenciação, podemos mencionar as seguintes cadeias anafóricas: entre “matéria” (âncora) e “questionamentos” (anáfora indireta), entre “cientistas” (âncora) e “os estudos” (anáfora associativa), espíritas (relação com cientista), entre “vida” (âncora) e “biografia” (anáfora indireta), entre “Chico Xavier” (pró-espiritismo) (anáfora), em que como âncora tem-se a própria reportagem. Observamos que o uso dessas anáforas constrói e mantém o tema do texto, além de confirmar a argumentação do autor. O autor traz informações novas, mas que vão se relacionando com outras expressões já evidenciadas. Neste texto, consideramos um único caso de AA, entre “cientistas” e “estudos”, “estudos” vem precedido de artigo definido, além de representar uma parte concreta e encaixada no caso de pensarmos em cientistas, essa relação é associativa.

Retomamos aqui a noção posta anteriormente, sobre a noção de texto, de que, na verdade, cada leitor constrói o texto que lê, completando as idéias. Foi isso que aconteceu com esses escritores da carta do leitor, cada um escreveu sua carta, considerando as formações sociodiscursivas nos quais estão inseridos. No primeiro texto, o autor leva em

conta o fato de gostar de Chico Xavier e, no segundo texto, o autor não gosta de Chico Xavier (classificação feita pela própria revista) e coloca o que faria caso tivesse interesse em pesquisar sobre a vida do espírita.

Vemos que é mais comum nos depararmos com as anáforas ditas indiretas, uma vez que as associativas requerem uma série de exigências, como a questão da concretude e da definitude, conforme postulado por Kleiber (2001).

Passamos à análise do segundo grupo de textos:

Texto3: A Inglaterra não foi culpada pela Guerra do Paraguai (“A nova história do Brasil”, junho)? O Paraguai não era superdesenvolvido na época? A Inglaterra não combateu a escravidão para ter mercado consumidor? Obrigado, SUPER, por desmitificar a história do Brasil e mudar as concepções que eu tinha. (L. C)
(Revista *Superinteressante*, edição 280, p. 12)

Observamos a questão da inferência fortemente marcada neste texto de opinião. A autora apresenta os fatos, indagando-os, retomando as questões discutidas na reportagem de edição anterior. Podemos estabelecer relação entre essas expressões que aparecem como “Inglaterra”, “Guerra do Paraguai”, “países subdesenvolvidos” com os fatores históricos explorados na reportagem.

O autor deste texto opinativo indaga sobre os fatos expostos na reportagem, retomando-os - e finaliza, agradecendo à SUPER por desmitificar a história do Brasil e por mudar as concepções que ela tinha. A tese da autora pode ser entendida de duas formas, isso já foi discutido anteriormente: ou a tese é de que ela aceita os fatos (sentido literal do agradecimento) ou de que a matéria não alcançou o que ela esperava, e sim causou frustração (sentido irônico do agradecimento).

Consideramos as seguintes cadeias anafóricas: “Inglaterra” (âncora) – guerra do Paraguai (anáfora indireta), verificamos uma estrutura relacional, pensar em um país, leva-se a pensar em outros países. Outra cadeia: entre “escravidão” e “mercado consumidor”, faz parte do sistema.

Texto 4: Sou historiador e amante da história do Brasil. O que vi na matéria foram vários assuntos sem conexão e falta de explicações das conclusões apresentadas. Uma sugestão era ter feito uma matéria sobre apenas um aspecto da história do Brasil. A matéria foi feita para chocar. Conseguiram! (R.J) (Revista *Superinteressante*, edição 280, p. 12)

Observamos que esse autor inicia sua carta fazendo uso de um argumento de autoridade, mencionando sua formação profissional, no caso, historiador. O autor não retoma os fatos em si, mas os descreve a partir de expressões como “assuntos sem conexão” e “falta de explicações das conclusões apresentadas”, fazendo com que o leitor consiga recuperar a temática de sua carta, estabelecendo relação com a reportagem sob a qual ele manifesta opinião.

Quanto às anáforas associativas, podemos estabelecer relação entre “história do Brasil” (âncora) e “historiador” (anáfora associativa). Faz parte do trabalho de um historiador estudar a história de algo. Expressões como “fatos” e “matéria” também estabelecem relação indireta entre a reportagem e entre elementos do texto.

Vemos que as AAs aparecem quantitativamente em número reduzido nos textos, acreditamos que isso possa estar relacionado à temática tratada nas reportagens, que tratam de assuntos mais abstratos, como espiritismo e história, dificultando a presença de elementos concretos do tipo todo/parte.

6. Considerações Finais

A realização deste estudo nos trouxe inúmeras reflexões sobre o estudo do texto, sobre o estudo da estrutura composicional argumentativa dos textos e sobre a ocorrência das AAs.

Podemos elencar algumas impressões interessantes, tais como: as cartas do leitor fazem parte de um gênero que não obedece a um padrão fortemente estabelecido, ou seja, cada autor tem liberdade para expressar suas opiniões de forma livre. Não é consensual iniciar pela justificativa, pelas premissas e finalizar pela conclusão; muitas vezes os autores começam já expondo seus pontos de vista, revelando as premissas e os fatos aparecem somente mais tarde. Isso mostra que na sequência argumentativa há elementos importantes, mas que são maleáveis dentro do texto, especialmente, quando o gênero tratado não traz um padrão composicional fixo, os elementos são combinados tendo por base os efeitos de sentido pretendidos pelo autor do texto. Verificamos também que, no Fórum, o que é mais nitidamente observado são as impressões dos autores e não, necessariamente, a argumentação dos mesmos. Seria ideal que isso aparecesse, mas não é o que foi observado nas análises.

Chegamos ao final do trabalho com uma sensação de que não estamos tratando mais de cartas do leitor e sim opiniões do leitor, por isso, em alguns momentos do texto fomos preferindo chamar de opiniões do leitor a cartas do leitor. São cartas, por terem sido, de alguma forma, enviadas por leitores, mas não há nelas estruturas de cartas, são mais opiniões divulgadas em fórum.

Observamos que, embora esses textos sejam opinativos, pode-se observar que a presença das sequências argumentativas não são sempre marcadas. Às vezes, os elementos propostos por Adam (premissas e conclusão) aparecem nas inferências e nos implícitos, não estando nitidamente marcados, como sugere o trabalho do autor. O que acontece, no caso desses textos opinativos, é que muitas vezes os autores das cartas já pressupõem o conhecimento do que eles estão discutindo, por isso a etapa das premissas, muitas vezes, está subentendida/pode ser inferida.

Outra questão interessante que pudemos perceber, já evidenciadas em outros estudos por mim realizados, é que o número de anáforas associativas que aparecem nos textos é bastante reduzido. Eis aqui algumas razões que justificam essas ocorrências: a própria proposta de Kleiber (2001) que é bastante restritiva; no caso dos dados aqui analisados, a temática tratada, que são bastante abstratas, não podendo extrair delas, muitas vezes, os elementos todo/parte. Kleiber (2001) trabalha com frases por ele fabricadas, mas deixa claro em sua obra a possibilidade de um trabalho como o dele, aplicado ao texto. Quando trabalhamos com o texto, percebemos essa dificuldade na caracterização dessas anáforas.

Nosso título e nossa idéia inicial propõem que as anáforas associativas contribuem para a construção argumentativa e de fato contribuem, quando efetivamente aparecem. Em conjunto com as anáforas indiretas, elas são importantes ferramentas na construção textual e na manutenção temática. Acreditamos nas contribuições das anáforas associativas, embora nos nossos dados elas não apareçam de forma que nos trouxessem um resultado mais decisivo. Apesar disso, acreditamos que as AAs podem orientar um ato argumentativo.

Trabalhar com essas duas questões: a referenciação e as sequências textuais, possibilitou-nos um contato maior com essas perspectivas teóricas. Entender as características das AAs e sua distinção em relação às AIs, possibilitou-nos um maior conhecimento e reflexão sobre essas anáforas nos textos. Conhecer a sequência textual argumentativa, bem como a base teórica proposta por Adam (2008), explorando as noções de ato enunciativo, de orientações argumentativas, auxiliou-nos e muito no estudo do processo de construção dos textos.

Referências

- ADAM, J. M. *Eléments de linguistique textuelle*. Mardaga, Bruxelles-Liège, 1990.
- _____. *A lingüística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. Une approche textuelle de l'argumentation: "schéma", séquence et phrase périodique. In: DOURY M, MOIRAND S (eds.) *L'Argumentation aujourd'hui*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, pp. 77-102, 2004.
- _____. *Les textes : types e prototipes, récit, description, argumentation, explication, et dialogue*. Paris : Nathan, 1997.
- _____. *Linguistique textuelle : des genres de discours aux textes*. Paris, Nathan, 1999.
- BERRENDONNER, A. Accords associatifs. In : cahiers de praxématique – Référence, inférence : lánaphore associative. 1995, 24 : 1995.
- BLANCO, G. ; LEOPOLDO, P. Chico Xavier. In : *Superinteressante*. São Paulo : Ed. Abril, ed. 277, abril. 2010. p. 50-59.
- KLEIBER, G. *L'anaphore associative*. 1ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.
- KOCH, I.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.
- MACHADO, D.Z. *Reflexões teóricas acerca das anáforas associativas*. Trabalho apresentado na Semana de Teses, da UFPR, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros digitais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: 50ª Reunião do GEL- Grupo de estudos lingüísticos de São Paulo. USP, São Paulo: 2002.
- _____. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I.V; MORATO, E.M; BENTES, A.C (orgs) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.p. 53-102.
- _____. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto*. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latinoamericana de Analistas do Discurso. Santiago, Chile: 1999. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~fontes/atividade/17Marcus.pdf>. Acesso em 19/08/2009.
- MARCUSCHI, L. A; KOCH, I. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: *Gramática do Português falado*. Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Ed. UNICAMP, 2002.
- NARLOCH, L. A nova história do Brasil. In: *Superinteressante*. São Paulo: Ed. Abril, Ed. 279, jun. 2010. p. 56-65.
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril. ed. 278, maio, 2010.
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril. ed. 280, julho, 2010.